

JACK LONDON

Caninos Brancos

Tradução de
SONIA MOREIRA

Introdução de
DANIEL GALERA

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Companhia das Letras
Copyright da introdução © 2014 by Daniel Galera
Copyright da nota sobre a vida e a obra
de Jack London © 2014 by Andrew Sinclair

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
White Fang

PREPARAÇÃO
Cica Caropreso

REVISÃO
Adriana Bairrada
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

London, Jack, 1876-1916.

Caninos brancos / Jack London ; tradução de Sonia Mo-
reira; edição, introdução de Daniel Galera. — 1ª ed. — São
Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Título original: White Fang.

ISBN 978-85-63560-85-8

1. História de aventuras norte-americana 2. Romance
norte-americano I. Galera, Daniel. II. Título.

14-00196

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Daniel Galera	7
PARTE UM O mundo selvagem	
1. O rastro da carne	21
2. A loba	30
3. O grito de fome	42
PARTE DOIS Cria do mundo selvagem	
1. A luta de dentes	57
2. A toca	69
3. O filhote cinzento	79
4. A parede do mundo	86
5. A lei da carne	99
PARTE TRÊS Os deuses do mundo selvagem	
1. Os fazedores de fogo	109
2. O cativoiro	123
3. O pária	134
4. O rastro dos deuses	140
5. A aliança	147
6. A escassez	158
PARTE QUATRO Os deuses superiores	
1. O inimigo dos seus semelhantes	171
2. O deus louco	183
3. O reinado do ódio	194
4. A morte pendente	201

5. O indomável	215
6. O deus amoroso	222

PARTE CINCO A domesticação

1. A longa trilha	241
2. O Sul	248
3. O domínio do deus	256
4. O chamado dos semelhantes	269
5. O lobo adormecido	277

<i>Nota sobre a vida e a obra de Jack London</i>	289
--	-----

PARTE UM

O mundo selvagem

I. O rastro da carne

Pinheiros escuros debruçavam-se, carrancudos, dos dois lados do rio congelado. Um vento que soprara havia pouco tinha despido as árvores do manto de geada branca que as cobria, e elas pareciam se inclinar na direção umas das outras, negras e ameaçadoras, na luz mortíça. Um silêncio imenso reinava sobre a terra. A terra em si era uma desolação, sem vida, sem movimento, tão solitária e fria que seu espírito nem sequer era triste. Havia um quê de riso nele, mas era um riso mais terrível do que qualquer tristeza — um riso tão soturno quanto o sorriso da Esfinge, um riso tão frio quanto a geada, e que tinha a fúria da infalibilidade. Era a sabedoria imperiosa e incomunicável da eternidade rindo da futilidade da vida e do esforço de viver. Era o mundo selvagem e gelado do Norte, a impiedosa floresta boreal.

No entanto, havia vida, *sim*, espalhada pela terra, desafiadora. Ao longo do rio congelado, vinha avançando com esforço um grupo de cães parecidos com lobos. A espessa pelagem que os revestia estava coberta de geada. As baforadas que eles soltavam pela boca congelavam no ar, formando línguas de vapor que se precipitavam nos pelos de seus corpos, transformando-se em cristais de gelo. Eles usavam arreios de couro e estavam presos por correias de couro a um trenó que vinha deslizando mais atrás. O trenó não tinha esquis. Era feito da casca resistente do vidoeiro e toda a sua superfície se apoiava na neve. A frente do trenó

virava para cima, enroscando-se como um pergaminho, de modo a empurrar para baixo o monte de neve macia que se encapelava feito onda na dianteira do trenó. Em cima dele, amarrada com firmeza, encontrava-se uma caixa retangular, comprida e estreita. Havia outras coisas no trenó — cobertores, um machado, uma cafeteira e uma frigideira; mas o que mais chamava atenção e ocupava a maior parte do espaço era a caixa retangular, comprida e estreita.

Na frente dos cachorros, com sapatos de neve largos, avançava com esforço um homem. Atrás do trenó, avançava com esforço um segundo homem. No trenó, dentro da caixa, havia um terceiro homem cujos esforços haviam cessado, um homem que tinha sido dominado e castigado pelo mundo selvagem até nunca mais poder se mexer nem lutar. Não é do feitio do gélido mundo selvagem gostar de movimento. A vida é uma ofensa para ele, porque vida é movimento; e o mundo selvagem sempre almeja destruir o movimento. Congela a água a fim de impedi-la de correr para o mar; suga a seiva das árvores até que elas congelem lá no fundo do seu vigoroso âmago; e, de modo mais feroz e terrível ainda, o mundo selvagem maltrata e esmaga o homem até subjugá-lo — o homem, que é a forma de vida mais inquieta que existe, sempre em revolta contra o desígnio de que todo movimento deve, no fim, chegar à cessação do movimento.

No entanto, à frente e atrás do trenó, destemidos e indômitos, avançavam os dois homens que ainda não tinham morrido. Seus corpos estavam vestidos de peles e de couro curtido e macio. Cílios, bochechas e lábios estavam tão cobertos com os cristais formados pelas suas exalações congeladas que era impossível discernir seus rostos. Isso fazia suas caras parecerem máscaras fantasmagóricas, e eles agentes funerários num mundo espectral, a acompanhar o enterro de algum fantasma. Mas debaixo daquilo tudo eram homens penetrando na terra da desolação, da zombaria e do silêncio, ínfimos aventureiros empenhados

numa aventura colossal, lançando-se contra o poder de um mundo tão remoto, estranho e inanimado quanto as profundezas do espaço.

Seguiam adiante calados, poupando o fôlego para o trabalho de seus corpos. O silêncio pairava em todo lado, imprensando-os com uma presença tangível. Afetava suas mentes como as muitas atmosferas de águas profundas afetam o corpo do mergulhador. Esmagava-os com o peso de uma vastidão sem fim e de um decreto inalterável. Empurrava-os para os recessos mais remotos de suas mentes, espremendo-os até extrair, como se extrai o suco da uva, todos os falsos ardores, euforias e brios injustificados da alma humana, até que eles se percebessem finitos e pequenos, ciscos, grãos de poeira, avançando com parca astúcia e pouca sapiência em meio à ação e interação dos grandes e cegos elementos e forças.

Uma hora se passou, e depois outra. A luz pálida do dia curto e sem sol começava a minguar, quando um grito fraco e distante atravessou o ar parado. Com súbito ímpeto, o grito foi ficando cada vez mais agudo, até atingir sua nota mais alta, na qual persistiu, palpitante e tenso, e então se extinguiu lentamente. Teria parecido o lamento de uma alma perdida, se não estivesse investido de certa ferocidade triste e faminta ansiedade. O homem que estava na frente virou a cabeça até encontrar os olhos do homem que estava atrás. Então, com a caixa retangular e estreita entre os dois, acenaram um para o outro com a cabeça.

Um segundo grito varou o silêncio, agudo como uma agulha. Os dois homens localizaram o som. Vinha de trás deles, de algum ponto da extensão de neve que tinham acabado de atravessar. Ouviu-se um terceiro grito em resposta ao segundo, também vindo de trás, porém mais à esquerda.

“Eles estão seguindo a gente, Bill”, disse o homem da frente.

A voz dele soou rouca e irreal, e ele tinha falado com aparente esforço.

“A carne anda escassa”, respondeu seu companheiro. “Faz dias que eu não vejo nem sinal de coelho.”

Depois disso não falaram mais nada, embora mantivessem os ouvidos atentos aos gritos de caça que continuavam a vir de trás deles.

Ao cair da noite, conduziram os cães até um aglomerado de pinheiros à margem do rio e montaram acampamento. Ao lado da fogueira, o caixão servia de banco e de mesa. Os cães, agrupados do outro lado do fogo, rosnavam e brigavam uns com os outros, mas sem demonstrar nenhuma intenção de fugir escuridão adentro.

“Eu tenho a impressão, Henry, que eles hoje estão ficando muito mais perto do acampamento que o normal”, Bill comentou.

Agachando-se ao pé do fogo, Henry escorou a cafeteira com um pedaço de gelo e fez que sim com a cabeça. Só falou depois de se sentar no caixão e começar a comer.

“Eles não são bestas de arriscar a pele indo pra longe”, disse. “Acho melhor comer larva do que virar comida de larva. Eles são bem inteligentes, esses cachorros.”

Bill sacudiu a cabeça. “Não sei, não.”

O companheiro olhou para ele, curioso. “É a primeira vez que escuto você dizer que eles não são inteligentes.”

“Henry”, disse o outro, mastigando sem pressa o feijão que estava comendo, “por acaso você reparou no escarcêu que eles fizeram quando eu estava dando comida pra eles?”

“É, eles ficaram mais agitados do que costumam ficar”, Henry reconheceu.

“Quantos cachorros a gente tem, Henry?”

“Seis.”

“Bom, Henry...” Bill se calou por um momento, para que suas palavras ganhassem maior efeito. “Como eu ia dizendo, Henry, a gente tem seis cachorros. Eu tirei seis peixes do saco. Dei um peixe pra cada cachorro. E sabe o que aconteceu, Henry? Ficou faltando um peixe.”

“Você contou errado.”

“A gente tem seis cachorros”, o outro repetiu com toda a calma. “Eu peguei seis peixes. Quando fui ver, o Uma Orelha não tinha ganhado peixe nenhum. Depois eu voltei lá no saco e dei um peixe pra ele.”

“A gente só tem seis cachorros”, Henry disse.

“Henry”, insistiu Bill, “eu não vou dizer que era tudo cachorro, mas dei peixe pra sete bichos.”

Henry parou de comer e olhou para o outro lado da fogueira para contar os cachorros.

“Só tem seis agora”, disse.

“Eu vi o outro sair correndo pela neve”, Bill declarou com serena convicção. “Eu vi sete bichos.”

O companheiro olhou para ele com pena e disse: “Eu vou dar graças a Deus quando essa viagem acabar”.

“O que é que você quer dizer com isso?”, Bill quis saber.

“Eu quero dizer que essa nossa carga aqui está mexendo com os seus nervos e você está começando a ver coisas.”

“Eu também pensei isso”, Bill respondeu com ar grave. “Então, quando vi o bicho sair correndo, eu fui até lá e vi as pegadas dele na neve. Daí eu contei os cachorros, e continuava tendo seis. As pegadas ainda estão lá. Quer ver? Eu mostro pra você.”

Henry não respondeu; limitou-se a continuar mastigando em silêncio até que, tendo terminado a refeição, arrematou-a com uma última caneca de café. Depois, limpou a boca com as costas da mão e disse:

“Então você está achando que era...”

Brotando de algum ponto da escuridão, um uivo longo e plangente, terrivelmente triste, o tinha interrompido. Ele parou para ouvir; em seguida concluiu a frase, apontando na direção do som: “... um deles?”.

Bill fez que sim. “Acho muito mais provável isso que qualquer outra coisa. Você mesmo viu a barulheira que os cachorros fizeram.”

Uivos e mais uivos, uns respondendo aos outros, transformavam o silêncio num pandemônio. Era uivo de todos

os lados, e os cachorros mostravam o medo que sentiam se mantendo juntos e tão perto do fogo que seus pelos chegaram a ficar chamuscados com o calor. Bill jogou mais lenha na fogueira e depois acendeu o cachimbo.

“Eu estou achando que você está meio desanimado”, disse Henry.

“Henry...” Bill passou alguns instantes em silêncio, chupando pensativo o cachimbo, antes de continuar. “Eu estava aqui matutando e cheguei à conclusão que ele tem muito mais sorte que eu e você vamos ter na vida toda.”

Indicou o terceiro homem com o polegar para baixo, apontando para o caixão em que os dois estavam sentados.

“Você e eu, Henry, quando a gente morrer, já vai ser muita sorte se cobrirem a nossa carcaça com pedras, pra gente não virar comida de cachorro.”

“E a gente não tem empregados nem dinheiro e tudo mais que nem ele”, acrescentou Henry. “Ser enterrado longe daqui não é o tipo de coisa que gente feito eu e você pode pagar.”

“O que não me entra na cabeça, Henry, é por que um sujeito que nem esse, que é lorde ou sei lá o que no país dele e nunca teve a preocupação de não ter o que comer, de não ter com que se cobrir, por que ele resolveu zanzar aqui neste fim de mundo abandonado por Deus — isso é que eu não consigo entender.”

“Ele podia ter vivido até ficar caduco se tivesse ficado em casa”, Henry concordou.

Bill abriu a boca para falar, mas mudou de ideia. Em vez disso, apontou para o muro de escuridão que os impunha de todos os lados. Não havia nenhuma sugestão de forma naquele negrume absoluto; só o que se via era um par de olhos cintilantes feito brasa. Henry indicou com a cabeça um segundo par de olhos e depois um terceiro. Um círculo de olhos cintilantes havia se formado ao redor do acampamento. De vez em quando, um par de olhos mudava de lugar ou sumia, reaparecendo um instante depois.

A agitação dos cachorros só aumentava e, tomados de um súbito acesso de medo, eles dispararam para o outro lado da fogueira, se encolhendo e rastejando em volta das pernas dos homens. Na correria, um dos cachorros foi derrubado rente ao fogo e ganiu de susto e dor, enquanto o cheiro do seu pelo queimado impregnava o ar. O tumulto fez o círculo de olhos se remexer por um momento e até recuar um pouco, mas depois se aquietou de novo quando os cachorros sossegaram.

“Que azar danado a munição estar no fim, Henry.”

Bill tinha terminado de fumar seu cachimbo e estava ajudando o companheiro a estender a cama feita de peliça e cobertor em cima dos galhos de pinheiro que ele havia posto lado a lado sobre a neve antes do jantar. Henry grunhiu e começou a desamarrar seu mocassim.

“Quantos cartuchos você disse que ainda tinha?”, perguntou.

“Três” foi a resposta. “E eu queria era que fossem trezentos. Aí eu ia mostrar pra esses desgraçados quem é que manda!”

Bill sacudiu o punho com raiva na direção dos olhos cintilantes, em seguida pôs o mocassim para secar diante do fogo, apoiado num esteio.

“Eu queria era que essa onda de frio passasse”, continuou. “Já faz duas semanas que está quarenta e cinco abaixo de zero. Eu queria nunca ter feito essa viagem, Henry. Tenho a impressão que ela não vai acabar bem. Estou com um pressentimento ruim, sei lá. E se é pra fazer desejo, o que eu queria mesmo era que essa viagem já tivesse terminado faz tempo e a gente estivesse sentado agora bem perto da lareira no forte McGurry, jogando carta — isso é que eu queria.”

Henry grunhiu de novo e se enfiou na cama. Quando estava pegando no sono, foi despertado pela voz do companheiro.

“Sabe o tal que veio aqui e comeu o peixe, Henry? Por

que é que os cachorros não deram uma coça nele? Isso é que está me apoquentando.”

“Você está se apoquentando demais, Bill”, respondeu Henry, sonolento. “Você nunca foi assim. Agora vê se cala o bico e dorme, que amanhã você vai estar novo em folha. Deve ser a azia que está te apoquentando.”

Os homens dormiram lado a lado, respirando ruidosamente, debaixo do único cobertor. O fogo apagou, e os olhos cintilantes apertaram o cerco que tinham formado ao redor do acampamento. Com medo, os cachorros se aconchegaram uns aos outros e volta e meia rosnavam de modo ameaçador quando um par de olhos se aproximava. Uma vez rosnaram tão alto que Bill acordou. Levantou-se da cama cuidadosamente, para não atrapalhar o sono do companheiro, e pôs mais lenha na fogueira. Quando o fogo pegou, o círculo de olhos recuou. Bill olhou de relance para os cachorros amontoados. Esfregou os olhos e observou-os com mais atenção. Depois se enfiou de novo debaixo do cobertor.

“Henry”, chamou. “Ô, Henry.”

Acordando a custo, Henry gemeu e perguntou: “O que é agora?”.

“Nada” foi a resposta. “É só que tem sete bichos lá de novo. Eu acabei de contar.”

Henry demonstrou ter recebido a informação dando um grunhido, que logo se transformou num ronco quando ele adormeceu de novo.

De manhã, foi Henry quem acordou primeiro e arrancou o companheiro da cama. O dia só iria clarear dali a três horas, embora já fossem seis da manhã. No escuro, Henry pôs-se a preparar o café da manhã, enquanto Bill enrolava as cobertas e preparava o trenó.

“Ô, Henry, quantos cachorros você disse que a gente tinha?”, ele perguntou de repente.

“Seis.”

“Errado”, Bill declarou num tom de triunfo.

“Você contou sete de novo?”, perguntou Henry.

“Não, cinco. Um sumiu.”

“Diacho!”, bradou Henry, enfurecido, parando de cozinhar para ir até lá contar os cachorros.

“Tem razão, Bill. O Gordo se foi.”

“E foi rápido que nem um raio, depois que decidi dar no pé. Não deve ter dado pra ver nem a sombra dele.”

“Não mesmo”, concluiu Henry. “Eles engoliram o Gordo vivo, isso sim. Aposto que ele ficou ganindo enquanto descia pela goela abaixo daqueles desgraçados.”

“Ele sempre foi um cachorro bobalhão”, disse Bill.

“Mas nenhum cachorro bobalhão devia ser tão bobalhão a ponto de ir e cometer suicídio desse jeito.” Olhou para os cachorros que restavam com ar perscrutador, recapitulando rapidamente as características mais marcantes de cada animal. “Aposto que nenhum dos outros faria uma coisa dessas.”

“Nem à paulada eles iam sair de perto do fogo”, Bill concordou. “Bem que eu sempre achei que tinha alguma coisa errada com o Gordo.”

E esse foi o mísero epitáfio de um cachorro morto numa trilha da floresta boreal — menos mísero do que o epitáfio de muito cachorro, de muita gente.